

CLUBE DAS MANAS COARI/AMAZONAS: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS PARA ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE

Rita de Cassia Fraga Machado - Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas- UEA. Pós-Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, na linha de pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação. E-mail: rmachado@uea.edu.br

Juliana Cavalcante de Freitas - Extensionista do projeto de extensão: O Clube das Manas de Coari; Graduada em Licenciatura em pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA/Núcleo de Ensino Superior de Coari. E-mail: julianacaval09@gmail.com

RESUMO

O Projeto de Extensão “Clube das Manas Coari”, executado pelas alunas de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, foi criado objetivando promover leituras e debates acerca do feminismo e cidadania. Para além da universidade, buscou-se alcançar a comunidade local, promovendo entre os participantes autoestima e empoderamento, através do uso da literatura, cinema e reflexão. Tais recursos visam estimular a liberdade de expressão das mulheres e sensibilizar os homens sobre o universo feminino e suas problemáticas, disseminando o conhecimento e fortalecendo a igualdade de gênero. A metodologia adotada tem enfoque qualitativo na transcrição de relatos de experiências das extensionistas e participantes, além da observação das participantes durante as atividades, de periodicidade quinzenal, realizadas ao longo dos 12 meses do projeto. Os resultados obtidos e a frequência dos participantes superaram as expectativas, fato que possibilitou a coesão do grupo, com objetivos comuns na promoção da cidadania e inserção na sociedade civil organizada do município. Os frutos do Clube das Manas Coari estão florescendo, e atualmente vinte acadêmicos dão continuidade ao projeto, que se encontra na segunda edição, buscando fortalecimento e reconhecimento na comunidade coariense.

Palavras-chave: Feminismo. Educação. Empoderamento.

ABSTRACT

The Extension Project “Clube das Manas Coari”, implemented by Pedagogy students from the Amazonas State University - UEA, was created with the purpose of promoting reading and debates about feminism and citizenship. Beyond the university, the project tried to reach the local community, promoting self-esteem and empowerment among the participants, by using literature, cinema and critical reflection. These resources aim to stimulate women’s freedom of expression and sensitize men about the female universe and its problems, stimulating knowledge and strengthening gender quality. The adopted methodology has a qualitative focus in the transcription of the extension workers and participants experiences report, in addition to the observation of the participants during the activities, which had fortnightly periodicity, over the twelve months of the project. The results and the participants attendance exceeded expectations, a fact that made the group cohesive with common objective of promoting citizenship and insertion in the municipality organized civil society. The Clube das Manas Coari is increasing, and currently twenty academics are continuing the project, which is in its second edition, seeking for strengthening the citizenship cognition in Coari community.

Keywords: Feminism. Education. Empowerment.

INTRODUÇÃO

“Quando você educa uma mulher, ela educa toda uma geração” (Mercy Akuot).

Este trabalho tem o propósito de fazer um relato reflexivo sobre o projeto de extensão “Clube das Manas Coari”, desenvolvido na Universidade do Estado do Amazonas-UEA/NESCOA. A ideia do Projeto partiu da experiência desenvolvida pelo Instituto Manas, que tem sede em Manaus/AM, e tem como objetivo abordar temáticas do universo feminino através do uso da literatura, leitura e cinema (exibição de filmes estratégicos), promovendo, assim, o empoderamento, a autonomia e a autoestima das meninas e mulheres.

O tema do feminismo é pouco explorado no âmbito da educação formal, por esta razão este estudo tem como base a descrição das rodas de leituras e cines debates promovidos pelo Projeto de Extensão Clube das Manas Coari, no ano de 2018, evidenciando as vivências e narrativas do grupo de mulheres que participou ao longo dos doze meses¹ (agosto de 2018 a agosto de 2019) em que o projeto foi desenvolvido no espaço da universidade e na comunidade estudantil.

Figura 1 - Extensionistas do projeto



Fonte - Arquivo Clube das Manas Coari.

A teoria feminista pode ser compreendida como uma corrente epistemológica dentro da teoria social, uma vez que se trata de um estudo compreensivo acerca dos movimentos e configurações sociais cujas protagonistas são mulheres, seja no meio acadêmico, seja no meio social, em suas vivências e práticas cotidianas. A partir desta perspectiva, propomo-nos com este trabalho demonstrar, através da história oral de vida, as narrativas das mulheres (acadêmicas e não acadêmicas) que participaram do projeto.

A opção pela história oral de vida como método de investigação se deu devido ao seu enfoque interdisciplinar que de acordo com Alberti “a História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia a possibilidade de interpretação do passado” (2005, p. 155), no intuito de “ampliar o conhecimento sobre experiências e práticas desenvolvidas, registrá-las

1 Em anexo projeto de extensão intitulado “O Clube das Manas de Coari”.

e difundi-las entre os interessados (ALBERTI, 2005, p. 156).

Neste sentido, Meihy (2005) afirma que a história oral de vida é uma narrativa do conjunto das experiências de uma pessoa ou mais pessoas, valorizando, assim, seus aspectos íntimos, pessoais e coletivos. No entanto, trabalha a cognição dos atores sociais em suas percepções quanto às relações sociais e/ou conexões das quais fazem parte em uma determinada sociedade ou grupo social. Portanto, o sujeito primordial dessa história oral é o colaborador (a) participante da pesquisa, que possui uma maior liberdade para falar sobre sua experiência pessoal.

Este estudo, portanto, traz como objetivo a descrição dos relatos das experiências das mulheres no projeto, evidenciando os saberes, as vivências e as transformações necessárias para uma melhor compreensão do feminismo e as relações de gênero no meio social. As entrevistas foram feitas no sentido de indagar acerca do que mudou na vida dessas mulheres depois que elas começaram a fazer leituras de autoras feministas, cujos temas versavam sobre as lutas por direitos civis, políticos e sociais, sem utilização de questionário pré-elaborado.

As transformações dessas mulheres são determinadas pelas circunstâncias de aprendizagem, o que as capacita a se expressarem sobre

diferentes temas. Por isso, o Clube das Manas adota o diálogo como dinâmica, pois, conforme Freire (1983, p. 46), “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Com isso, o aporte teórico conceitual também se pautou no viés da Pedagogia freiriana, uma vez que o projeto é passível de ser considerado uma forma de educação popular². O diálogo foi o procedimento metodológico adotado nos encontros, não como forma de transferência de saberes, mas como um processo comunicativo e reflexivo acerca da realidade estudada.

Levando em consideração a realidade das mulheres, a temática do feminismo é de extrema relevância para a esfera educacional, social, cultural, política e econômica, pois contribui para a reflexão acerca das relações sociais, que são marcadas pelas desigualdades de gênero, produzidas por um modelo patriarcal.

O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral, mas escolher uma expressão vaga como “direitos humanos” é negar a especificidade e particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres.

² Educação popular aqui mencionada diz respeito às diversas formas de educação presentes nas mais variadas formas dos coletivos e nos movimentos sociais. Isto é, fora dos sistemas de educação formal.

Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino (ADICHIE, 2015, p. 42).

Acredita-se que os resultados deste trabalho serão relevantes para visibilidade da temática e dos projetos de extensão desenvolvidos no âmbito da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), contribuindo para a formação acadêmica, a promoção e valorização das potencialidades do diálogo e emancipação das mulheres. Por fim, o Projeto Clube da Manas Coari, contribui para a luta feminina, no sentido de despertar o interesse das participantes pelas questões sociais, através da leitura e do diálogo promovidos, como também trazer para a universidade discussões sobre sexualidade e discriminação (racial, gênero, etc.). Além disso, contribui também para a conscientização e o fortalecimento das lutas pela diminuição dos casos de violência doméstica, abuso sexual, pedofilia, homofobia, feminicídio e para a diminuição dos preconceitos latentes em nossa sociedade.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Inicialmente, é importante argumentar sobre as distorções acerca do feminismo e sobre a tentativa de banalizar o termo com a ideia equivocada de que feminismo visa a sobreposição da figura feminina à masculina. Ao contrário disso, o feminismo visa defender a igualdade

de direitos entre homens e mulheres, denunciando qualquer tipo de diferença e garantindo a luta pela transformação social. Atualmente, o movimento feminista não tem levado somente mulheres a lutarem pela causa, mas também os homens que apoiam e partilham da mesma visão de sociedade.

Falar de feminismo é, por si só, falar de pluralidade, da possibilidade de lembrar muitas vozes, lugares e momentos da luta feminista. Num momento inicial, mulheres que romperam com uma sociedade patriarcal, autoritária e excludente, em que a mulher é subalternizada, inferiorizada e direcionada a assumir somente o papel materno.

O feminino como destino a “outro” e não a si mesma se perde na sociedade patriarcal que inferioriza e silencia o conhecimento das mulheres. Talvez, o casamento seja uma das formas mais eficazes que o patriarcado encontrou para manter as mulheres altamente produtivas com o cuidado da casa, dos filhos e filhas, do marido e, de quebra, ajudar o marido (também de forma altamente produtiva) no seu trabalho sem que este leve seu nome (MACHADO, 2017, p. 2).

As mulheres foram criadas para serem sujeitos frágeis e para minimizar ou mesmo esconder o seu sucesso da sociedade, visto que o homem pode se sentir diminuído caso não seja reconhecido como o “detentor familiar”. Neste modelo social, as mulheres são pressiona-

das a casarem, cuidarem de casa e filhos. A cultura do machismo tende a culpar a mulher por toda a violência que sofre, a exemplo de estupros, violência física e até feminicídios, utilizando-se de questionamentos como: “a roupa dela instigou o homem” ou “o que ela fazia a essa hora?” e, até mesmo, “ela gostou! Por que não denunciou antes?”. Ora, são comentários como estes que vitimizam os homens e culpabilizam as mulheres.

Por tais motivos faz-se necessário que a questão de gênero seja discutida nas universidades, nas escolas e na comunidade. É importante que se escutem as vozes femininas, a fim de tornar o mundo mais igualitário, com respeito e justiça, permitindo homens e mulheres andarem lado a lado na procura de viver livremente, sem o “peso da expectativa de gênero” (ADICHIE, 2015, p. 42).

Para Siliprandi (2015, p. 37), o feminismo pode ser considerado uma teoria crítica e, ao mesmo tempo, uma teoria militante, “fundamentalmente, o reconhecimento de que a realidade social se estrutura através de um sistema sexo-gênero, cuja expressão visível à dominação das mulheres pelos homens”. Neste sentido, Siliprandi atribui o caráter crítico do feminismo como:

[...] Denunciar esses fatos e desenvolver uma teoria reflexiva e emancipatória, capaz, ao mesmo tempo, de analisar o passado e construir uma utopia para o futuro. A teoria é um modo de “fazer ver” de

“jogar luzes” sobre uma determinada realidade, para examinar aspectos que não seriam visíveis sob outra perspectiva, e, uma vez que se pretende teoria crítica (não legitimadora da ordem social), tem a obrigação de “irracionalizar conceitos”, ou seja, questionar os sistemas de pensamento existentes à luz dos pressupostos desses mesmos sistemas, mostrando suas incoerências ou irracionalidades [...] (SILIPRANDI, 2015, p. 38).

A luta pela transformação social pode ocorrer em diferentes lugares e em diferentes grupos sociais, com o feminismo, a mulher avançou consideravelmente no sentido político, econômico e cultural, através da denúncia de uma realidade desigual na estrutura social. O movimento de mulheres reivindicou e conquistou vários direitos como o direito de voto (1934) e a tão importante Lei Maria da Penha (11.240/06), uma das principais bandeiras da luta feminina no Brasil contra a violência doméstica e o feminicídio.

Embora o caminho de lutas seja extenso, ainda não se conquistou a real igualdade entre os homens e as mulheres, e ainda há muito para fazer a fim de alcançar tal objetivo. Não obstante, em virtude da visibilidade da luta feminina, as mulheres vêm participando das decisões com mais frequência, observa-se que as mulheres vêm assumindo cada vez mais o papel de provedoras da família, conquistando reconhecimento e espaço em todas as esferas sociais.

METODOLOGIA

O Projeto do Clube é desenvolvido por acadêmicas e extensionistas da Universidade Estadual do Amazonas, e é organizado em etapas de planejamento, execução e avaliação.

Durante o decorrer das atividades, as extensionistas reuniam-se antes e depois de cada rodada do Clube, para planejar e estudar as obras, e, posteriormente, avaliar cada evento, conforme a metodologia proposta. Os encontros denominavam-se de Roda de Conversa e Cine Debate. Cada atividade iniciava com a apresentação do livro pelo mediador, e, em seguida, era dada a palavra para todos partilharem suas percepções. Após este momento, a fala era cedida ao colaborador convidado. A cada encontro, participaram convidados como professores, estudantes e militantes. Finalizada a atividade, divulgava-se o livro a ser lido no mês seguinte, o local, a hora e a data do próximo encontro. Os livros a serem lidos foram disponibilizados em PDF, via WhatsApp, bem como na secretaria do núcleo. Ao final de cada roda de conversa foi oferecido um café, momento em que as pessoas aproveitavam para se conhecer e conversar sobre alguns pontos debatidos anteriormente, o que foi muito gratificante, pois aproximou os participantes das extensionistas, e alguns assuntos não explanados puderam ser expostos nessas conversas informais.

O primeiro encontro do Clube das Manas Coari aconteceu no dia 24 de agosto de 2018, e o último no dia 29 de junho de 2019, na Universidade do Estado do Amazonas-NESCOA. As rodas de conversas e os cinedebates contaram com a participação de diversos seguidores da sociedade civil: acadêmicos de pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, acadêmicos da Universidade Aberta do Brasil - UAB, estudantes do SENAC e do SESC, diversos militantes e a comunidade em geral.

No decorrer das atividades do Clube, houve um aumento significativo no número de participantes, o que se entende a partir das divulgações realizadas por meio de cartazes e redes sociais, pelas próprias extensionistas (dados obtidos a partir das listas de frequência). Cada Clube contou com diferentes dinâmicas, o que não só envolveu os participantes como motivou a sua participação nas conversas de maneira satisfatória.

O projeto foi desenvolvido durante um ano, dividido em dois semestres. A cada mês foi realizado um cine debate e uma roda de conversa, utilizando como aporte um livro e um filme, abordando a temática do feminismo. Dessa forma, foram realizadas 13 ações, divididas em sete rodas de conversas (livros) e seis cine debates (filmes).

A literatura do primeiro semestre do projeto foi escolhida com muita cautela pelo fato de a temática ainda ser desconhecida

pela maioria das extensionistas. O segundo semestre contou com outras obras literárias e cinematográficas, expandindo o projeto e a adesão de outras mulheres, sobretudo de alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM/campus Coari.

As rodas de conversa foram sempre participativas, trouxeram temas da atualidade como garantias e direitos assegurados às mulheres, empoderamento, violência doméstica, abuso sexual e a contextualização do lugar de fala, que foi importante para a compreensão do reconhecimento da mulher como cidadã de direitos. Também possibilitou o debate sobre humanidades negadas e demarcações de “identidades sociais” atribuídas pelo poder hegemônico, e que cada vez mais contribui para aumentar as desigualdades sociais.

Os livros lidos nas rodas de conversas foram: *Para educar crianças Feministas: um manifesto* (Chimamanda Ngozi Adichie), *Sejam todas Feministas* (Chimamanda Ngozi Adichie), *O que é lugar de fala* (Djamila Ribeiro); *Um teto todo seu* (Virginia Woolf), *O que é Empoderamento* (Joice Berth), *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil* (Duda Porto de Souza e Aryane Cararo) e *Eu sou Malala* (Malala Yousafzai e Cristina Lamb).

O primeiro livro, *Para educar crianças Feministas: um manifesto* (Chimamanda Ngozi Adichie), foi socializado entre os participantes no dia 31 de agosto de 2018, no

Núcleo de Ensino Superior de Coari (NESCOA). Nesta obra, a autora trata de sua experiência pessoal como mulher feminista e apresenta 15 sugestões para se criar uma criança feminista. Também relata fatos que comprovam que muito ainda precisa ser feito para o alcance da igualdade de gênero, para que as crianças (meninos e meninas) sejam livres de quaisquer estereótipos, assumindo sua identidade com mais liberdade.

Motivados pelo conteúdo inspirador que a obra proporcionou, os participantes e extensionistas sentiram-se instigados a falar de suas experiências. Vale ressaltar que a maioria são mães e ainda não tinham tido a oportunidade de discutir questões sobre a diferença na criação de meninos e meninas.

Eu ainda não tinha parado para refletir sobre a diferença entre a minha filha e meu filho, às vezes digo para ela se comportar como uma mocinha, não podendo ficar correndo ou se impondo com os outros coleguinhas, para ele digo que homem não chora, agora com a conversa com as mulheres do clube, pude perceber o quanto estava impedido minha filha de conhecer e explorar o mundo e o meu filho de demonstrar seus sentimentos e desabafar (Depoimento de Paula Freitas, participante do projeto, em 31 de agosto de 2019).

As mulheres relataram suas ações como mães, nas quais, em alguns momentos, percebiam-se reprimindo e impondo “limites” às

meninas, e, em relação aos meninos, manifestando um sentimento de liberdade, para descobrir e experimentar o mundo, porém seguindo o rigor da masculinidade. Na ocasião deste encontro, foi discutido sobre os diferentes papéis assumidos pelas mulheres na atualidade, como a maternidade, o casamento, os estudos e o emprego, refletindo sobre a possibilidade de se fazer o que gosta sem o peso de cuidar de “tudo” e de “todos”

Sou mãe de 3 filhas quando passei a participar do clube das manas, eu particularmente me identifiquei muito, diante da minha trajetória de vida, sempre procurei ser uma mulher independente, e passo a mostrar para as minhas filhas que somos capazes de conquistar o que queremos e realizar nossos sonhos (Depoimento de Francisca Nascimento, participante do projeto, em 24 de setembro de 2019).

A escolha do livro foi considerada positiva, visto que abordou com muita clareza um conteúdo vivenciado pelas mulheres e que precisava ser debatido para possibilitar a reflexão sobre nossa futura geração, buscando promover uma mudança satisfatória em nossa sociedade.

Figura 2 - Roda de leitura do livro Para educar crianças feministas



Fonte - Arquivo Clube das Manas Coari.

A segunda obra tratada, ainda da autora Chimamanda Ngozi Adichie, *Sejamos todas Feministas*, promove uma reflexão sobre o que é ser feminista, contrariando opiniões e conceitos equivocados. Ressalta, ainda, sobre a importância da questão de gênero.

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos (ADICHIE, 2015 p. 30).

O tema da igualdade de gênero merece ter um espaço para a discussão nas universidades, estabelecendo um diálogo entre homens e mulheres, para que ocorra uma mudança fundamental nas relações desiguais existentes.

Esta roda de conversa recebeu muitas participantes, no entanto, inicialmente, percebeu-se que algumas tiveram receio de falar,

por isso adotou-se a seguinte metodologia: dividiu-se a turma em 3 grupos pequenos para que dialogassem com o colega. Tal metodologia buscava aproximar os sujeitos, motivando a fala daqueles que ainda não conseguiam se expressar para um grande número de pessoas e possibilitando a construção de ideias sobre o feminismo. Em seguida, as ideias debatidas no círculo menor eram expostas no círculo maior, para que todos interagissem e discutissem o livro. Notou-se que a estratégia adotada teve sucesso, uma vez que possibilitou o diálogo entre os participantes, os quais tiveram a oportunidade de expor suas ideias através de exemplos, relatando fatos ocorridos no dia a dia, desabafando sobre as angústias que já passaram devido à diferença entre homens e mulheres.

Outra obra muito importante e também debatida na roda de conversa foi a da filósofa Djamila Ribeiro, *O que é lugar de fala*. A referida obra fomenta a discussão sobre escritoras negras e produções de grupos historicamente marginalizados, mostrando que eles são também sujeitos políticos, e propõe a descolonização do pensamento e o posicionamento das mulheres, como também discute sobre os diferentes pontos de vista e sobre a importância de dar voz àquelas que foram subalternizadas pela hegemonia. Nesta roda de conversa, discutiu-se sobre as divergências existentes no início dos movimentos feministas. Buscou-se entender

a pluralidade de mulheres, ecoando as diferentes vozes, sobretudo os grupos inferiorizados por questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo (RIBEIRO, 2017, p. 84).

No dia 08 de dezembro de 2018 discutiu-se o livro *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf. Nesse espaço de debates, pontos importantes foram abordados, permitindo que se refletisse acerca das diversas situações enfrentadas por mulheres que buscam sua independência financeira numa sociedade patriarcal e machista. Sociedade em que, apesar de todas as conquistas femininas, ainda há dificuldades para as mulheres em separar a vida familiar da vida profissional, tendo muito mais dificuldade para dedicar-se ao mercado de trabalho. Neste dia também foi realizado o lançamento da obra *Estudos Feministas*, volume 2, organizado pelas Professoras Doutoras Rita de Cássia e Amanda Motta. Foi o primeiro evento deste tipo realizado no Núcleo de Coari.

O que é empoderamento? de Joice Berth, foi o livro escolhido para dar continuidade aos estudos, no dia 27 de abril de 2019. A escolha do livro foi decidida em comum acordo por abordar a temática feminista, a exemplo dos problemas sociais, econômicos e sexuais que fazem parte do cotidiano feminino. Esta obra também possibilitou o entendimento do termo empoderamento para a organização das mulheres pela luta de direitos igualitários.

A obra *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil* das autoras Duda Porto de Souza e Aryane Cararo, foi socializado fora da Universidade, para que mais mulheres pudessem participar e ter maior compreensão sobre a temática do feminismo, enriquecendo, dessa forma, seus conhecimentos acerca das mulheres que fizeram história em nosso país, e que, apesar de grandes feitos, acabam sendo esquecidas.

A Instituição escolhida foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM/*Campus* Coari. Especificamente direcionada para os alunos e alunas do ensino médio, contou com a parceria do professor Igor Olinto Cavalcante, que já havia participado de outros clubes e demonstrado interesse pela temática e metodologia do projeto, apostando, assim, na ideia e disseminando para os seus alunos. Este clube possibilitou o projeto ultrapassar os muros da universidade e interagir com um público mais jovem. Acredita-se que essa experiência, somada a tantos outros pontos positivos que o projeto proporcionou, acrescentou consideravelmente na formação profissional das extensionistas, pois permitiu pensar e refletir sobre a metodologia utilizada, neste caso, a linguagem. Como se buscou aproximar-se do público mais jovem, procurou-se ter cuidado com o uso de certas expressões que poderiam não ser conhecidas para o público. Alu-

nos e alunas surpreenderam as realizadoras do projeto ao manifestarem os conhecimentos que detinham sobre o feminismo, fato que se entende pela atuação de alguns professores que trabalham nesta vertente. Contudo, ressaltase que há casos de meninos que nunca ouviram o que as meninas tinham a dizer, como também proporcionou que eles escutassem os incômodos sentidos pelas alunas por atos praticados por eles, sem nenhuma reflexão, vistos geralmente como normais.

O diálogo foi bem participativo, de maneira que todos puderam expor suas ideias, utilizando, para tanto, exemplos do seu cotidiano e relatando fatos ocorridos na própria sala de aula, fatos esses que trazem desconforto a todas as meninas. Esse momento foi significativo, pois permitiu que as meninas pudessem se expressar e que os meninos pudessem ouvi-las. Este Clube foi de grande relevância, visto que, além de discutir sobre as grandes mulheres que fizeram história no Brasil, possibilitou trazer para o bojo das discussões outros assuntos, que foram abordados pelas alunas e alunos e que se relacionam à nossa realidade. Além disso, permitiu, em sala de aula, vivenciar um ambiente com mais respeito e igualdade.

Figura 3 - Roda e leitura no Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Fonte - Arquivo Clube das Manas Coari.

A desigualdade educacional é uma violação dos direitos e também um obstáculo no desenvolvimento social das meninas e mulheres. Neste sentido, optou-se no encontro ler e refletir sobre o livro *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai e Cristina Lamb, sendo este o último livro exposto na roda de conversa. A obra conta a história da vida de Malala Yousafzai, uma jovem que sofreu um atentado por escrever sobre o Talibã. Nessa obra, as autoras abordam as dificuldades das mulheres ao redor do mundo para ter o direito à educação, um direito comumente negado a elas. “No mundo existem 57 milhões de crianças fora da escola primária. Delas, 32 milhões são meninas.” (YOUSAFZAI, M., 2013, p. 200). Falar sobre educação de mulheres foi muito importante, pois a educação é a única forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1996), é através dela que se pode conquistar uma sociedade mais justa e igualitária. Portanto esta

educação não pode ser negligenciada por aqueles que não querem que as pessoas se emancipem.

No projeto, um ponto desenvolvido que notadamente teve total relevância foram os Cines Debate. Neles, usamos filmes relacionados à temática do feminismo para refletir e dialogar sobre os temas e problemas encontrados em nossa sociedade, principalmente aqueles ligados às lutas e conquistas de mulheres, refletindo sobre sua participação nas decisões sociais.

Os filmes debatidos foram os seguintes: *As sufragistas* (Sarah Grovan, 2015), *Estrelas além do tempo* (Theodore Melfi, 2016), *Frida* (Julie Taymor, 2003), *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert, 2015), *Eu não sou um homem fácil* (Éléonore Pourriat, 2018) e o documentário *Silêncio das Inocentes* (Ique Gazzola, 2010).

As Sufragistas foi escolhido pela temática que aborda. O filme trata sobre a luta do direito de voto das mulheres, por isso possuía total envolvimento com o ano político que vivenciamos. Esse filme oportunizou que, nas Rodas de Conversas, se falasse principalmente sobre a representatividade das mulheres no cenário político nacional. Na ocasião, os participantes puderam expor seu ponto de vista em relação ao ano eleitoral e o incômodo com discursos machistas que chamaram a atenção na então campanha eleitoral para a Presidência da República (no ano de 2018). Assuntos relacionados às políticas públicas voltadas para as mulheres, como atendimentos especializados nos

casos de agressão e assédio sexual às meninas e mulheres também foram debatidos. Destaca-se a importância desse Clube, em especial, porque permitiu a reflexão acerca da militância e resistência feminista para a conquista do voto e para outras conquistas em prol dos direitos das mulheres.

O Cine debate posterior foi com o filme *Estrelas Além do tempo*. Optou-se por este filme pelo fato de abordar sobre o preconceito racial e de gênero. Baseado no livro *Hidden Figures*, narra a história de três mulheres negras que desenvolvem um trabalho na NASA, em um ambiente dominado por homens, mas que, apesar dessa condição, demonstram a perseverança feminina em conquistar seus espaços, manifestando competências e habilidades que as mulheres possuem. Nesse sentido, para o cerne das discussões foram trazidos assuntos como o desenvolvimento do trabalho braçal executado por mulheres na agricultura, as quais, mesmo tendo que lidar com extremo sacrifício, não são reconhecidas, sendo os homens detentores do lucro e do crédito de todo trabalho.

O filme *Frida*, utilizado em um dos encontros, retrata a vida de Frida Kahlo, uma exímia pintora, que desde muito cedo enfrentou dificuldades, mas que, apesar disso, fez das causas políticas e sociais sua bandeira de luta, o que lhe rendeu o status de uma das representantes do feminismo. Frida rompeu diversos padrões, com destaque para os estéticos.

A superação da artista foi o ponto principal para as participantes neste Cine Debate, pois se percebeu, com a obra, que Frida deixou de ser somente uma mulher sofrida, transformando-se em uma mulher empoderada, apesar de todas as dificuldades. Algumas mulheres participantes ressaltaram sobre a importância da autoaceitação, rompendo, dessa forma, com o padrão que define corpo e imagem.

Figura 4 - Cine debate Frida Khalo



Fonte - Arquivo Clube das Manas Coari.

Finalizando as ações dessa primeira etapa de desenvolvimento do projeto, apresentou-se para discussão no Cine Debate, o filme *Que horas ela volta*. O referido filme aborda acerca da realidade de mulheres que, na atualidade, ainda precisam deixar seus lares em busca de uma melhor condição financeira para ajudar suas famílias. Foi destaque entre os comentários a cena em que se retrata com exatidão o modelo imposto, que segrega e humilha aqueles que são menos favorecidos, fazendo com que acreditem que nasceram para cumprir

ordens e viverem subordinados a estruturas sociais repletas de contradições, injustiças e preconceitos.

O segundo semestre do projeto teve início com o filme *Eu não sou um homem fácil*. A dificuldade das mulheres de viverem em sociedade desigual, sendo muitas vezes vistas somente como um corpo, foi destacado. A obra também mostra o mundo invertido, momento em que os homens passam a sentir na pele o que é ser mulher numa sociedade tão machista. O debate iniciou abordando algumas cenas do filme, o que permitiu observar, partindo relato das participantes, a clareza quanto à relação de seus cotidianos com o filme, que descrevia a troca de papéis entre homens e mulheres. Às voltas com cenas de comédia, gênero do filme, notou-se por parte dos integrantes maior segurança para falar de seus sofrimentos e resistências, de maneira mais leve e descontraída.

No dia 28 de junho de 2019, o Cine Debate apresentou o documentário *Silêncio das inocentes*, sobre a criação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) e a luta das mulheres contra a violência doméstica no Brasil. As cenas são fortes e acompanhadas de depoimentos de vítimas e especialistas, de maneira que incentivou o debate sobre o tema. Nesta ocasião, dialogou-se sobre as diversas violências a que as mulheres são submetidas, situação em que geralmente impera o silêncio. Houve diversos relatos sobre fatos ocorridos, como assédio sexual e violência doméstica,

assuntos que, por sua complexidade, permitiram que este fosse um dos melhores debates realizados. O tema permitiu a autorreflexão sobre o quanto nos importamos com a dor do outro e o quanto, muitas vezes, essa dor pode parecer insignificante para quem não vivencia a problemática. A discussão sobre a possibilidade de haver próximo a nós uma mulher que necessite ajuda e de quanto é importante incentivá-la a falar sobre a violência para compreender e entender o porquê do silêncio foram pontos que potencializaram a importância desse encontro.

É importante salientar que a escolha destas obras foi assertiva, levando em consideração o envolvimento de todos nas rodas de conversas, debatendo sobre os fatores que movimentam a luta feminina e o próprio conhecimento para a atuação mais firme na sociedade. O Projeto foi realizado de maneira planejada e participativa, antes de todos os encontros as extensionistas se reuniam para planejar e discutir sobre o livro e filme, como para aprimorar as metodologias. As rodas de conversas tiveram ótima repercussão não só no Núcleo da UEA, onde o projeto foi realizado, mas também na comunidade.

RESULTADOS

As Mulheres participantes e seu Protagonismo através de Relatos

A escolha pelo trabalho com a história oral das extensionistas e participantes tem importância para demonstrar os resultados do projeto na vida das participantes, assim como para entender o reconhecimento destas mulheres como sujeitos, possuindo o seu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017). Esses depoimentos expressam a percepção das participantes e extensionistas e os processos de mudanças qualitativas, fortalecendo-se como protagonistas delas mesmas no cenário social. Neste sentido, Schmidt e Barca (2009, p. 162) explicam que “o trabalho com a história oral diz respeito, sobretudo a uma metodologia de pesquisa que se baseia em fontes orais. Essas fontes registram a experiência vivida, o depoimento de um indivíduo ou de vários de uma mesma coletividade”.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na observação durante todas as atividades do projeto, tendo como foco a participação e o discurso nas rodas de conversa; já a segunda etapa, na construção das entrevistas, ouvindo e registrando as narrativas das mulheres.

Como primeira experiência de projeto de extensão no Núcleo de Coari, O Clube das Manas promoveu e estimulou diversos leitores e espaços de leitura entre os cursos de graduação que são oferecidos pela Universidade do Estado do Amazonas, no Município de Coari. Como afirma a extensionista Cristina Costa do Nascimento, aluna do curso de Licenciatura em Pedago-

gia, “Eu sempre amei ler e poder dar oportunidade para que outras pessoas leiam, é maravilhoso. O clube me tornou uma pessoa mais centrada e mais confiante” (28 de dezembro de 2018).

Em seu relato, a aluna dá ênfase às leituras, que trouxeram temas antigos e atuais da luta das mulheres por reconhecimento e espaço na sociedade, compreendendo e superando sua condição de subordinação.

As mulheres que passaram por esta experiência demonstraram e relataram serem mais firmes nas suas falas, como também na luta pela igualdade de direitos, o que contribui no fortalecimento dos movimentos de mulheres, para que juntas transformem a sociedade positivamente. De acordo com Freire, a educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas, e estas mudam o mundo (FREIRE, 1966). Neste sentido, a participante Francielma Santos, acadêmica do curso em Tecnologia de Alimentos-UEA, descreve sobre suas mudanças a partir das leituras desenvolvidas pelo projeto de extensão:

Pra mim, o clube das manas tem feito toda a diferença na minha vida, hoje eu consigo realizar uma leitura completa mais coerente, isso tem me ajudado não só na vida acadêmica, mas na minha vida pessoal (Francielma Santos, participante do clube, 2018, NESCOA).

A participante afirma que a leitura proporcionou uma melhor compreensão dos significados, con-

tribuindo com sua carreira acadêmica, porque conheceu outras autoras e leituras, obtendo prazer de ler. Também se percebeu e se inseriu no mundo, concluindo que:

Tudo que eu consegui compreender lendo essas autoras que até então eu desconhecia me abriu os olhos, me mostrou perspectivas, vários preconceitos sobre o feminismo que eu tinha, porque realmente não conhecia o que trata o feminismo. Hoje eu posso dizer que me compreendo mais como mulher e esse sentimento, essa autoconfiança eu descobri conhecendo a trajetória dessas grandes mulheres que foram protagonistas da nossa história e me sinto muito feliz por isso (Francielma Santos, participante do clube, 2018, NESCOA).

A maioria das participantes e também das extensionistas não tinham conhecimento sobre o tema feminismo, conhecer e dialogar sobre esta temática foi importante para refletir acerca das questões sociais dentro de um modelo patriarcal de sociedade, que gera desigualdades nas relações entre mulheres e homens.

A contribuição que o clube das manas trouxe para mim foi que a partir dele eu me senti uma mulher mais forte, mais determinada e também entendi o que era esse feminismo que muita gente falava e eu não entendia ao certo como era. A partir do clube eu comecei a entender. No decorrer dos nossos encontros eu observei que muitas mulheres também

se sentiram assim como eu (Relato de Cleiteana Almeida da Silva, extensionistas do Clube, em 28 de dezembro de 2018).

Considerando este relato, nota-se que o feminismo opera não só numa perspectiva coletiva, mas individual, para que posteriormente as pessoas consigam modificar suas ações na família, no trabalho, na escola, ou seja, na sociedade, estendendo o tema para outras mulheres. Na mesma direção, a participante Izabel Cavalcante, acadêmica do Curso de Licenciatura em Computação-UEA, ressaltou: “Conhecer o Clube das Manas Coari foi uma imensa satisfação e aprendizado, com o clube pude aprender o que é Feminismo e como falar sobre o Feminismo para quem não conhece” (Izabel Cavalcante, Participante do Projeto, 2019). Entender o que é o feminismo fez com que se ampliasse e se construísse novos sentidos, algo desenvolvido pelas participantes através das experiências vividas durante o processo do Projeto Clube das Manas Coari.

Após conhecer o Clube minha vida foi transformada pelo descobrimento do que é ser feminista, com o conhecimento que obtive nos encontros não deixarei de forma alguma ser desrespeitada pelo fato de ser mulher, pois agora eu sei o meu lugar, e o meu lugar é onde eu quiser (Relato de Izabel Cavalcante, acadêmica do curso de Licenciatura em Computação - UEA, participante do projeto, 2019).

O projeto também é uma ferramenta educacional, porque é através da educação que se consegue motivar as pessoas a lutarem por uma transformação positiva da sociedade, já é uma forma de “intervenção no mundo” (FREIRE, 1996). O modelo feminista de educação, baseado no Clube das Manas Coari, propõe um conjunto de métodos e sugere a valorização do diálogo, a partir do qual todos são capazes de expressar diferentes saberes.

As aprendizagens acerca deste conteúdo fizeram com que as participantes acreditassem em seus saberes, dando sentido às suas falas e às suas vontades, através do exercício da autocrítica. A extensionista Josilane Barbosa, acadêmica do curso de Pedagogia -UEA, falou sobre suas percepções, demonstrando mudanças através dessa experiência educativa.

O clube das manas foi de muita importância, através dele eu pude me empoderar enquanto mulher. As rodas de conversas e os cines debate mostraram que é possível libertar-se de muitos preconceitos e ideias que a sociedade nos impõe. Empoderar uma mulher torna a sociedade mais justa, menos preconceituosa, com a promoção da aceitação e da tolerância a toda e qualquer diferença. Só tenho a agradecer o clube das manas e tenho orgulho de ter feito parte desse trabalho maravilhoso (Depoimento de Josilane Gonçalves Barbosa, extensionistas do projeto, em 21 de setembro de 2019).

A partir desta percepção, podemos considerar a contribuição do projeto para mudanças qualitativas na vida das mulheres participantes, no modo de viver, pensar, se perceber e se inserir no mundo, o que foi possível pelas experiências vividas no processo educacional do Projeto Clube das Manas Coari.

Nos empenhamos para que nossas rodas de conversas fossem um espaço aberto para a fala feminina, onde podemos partilhar nossa vivência como mulheres e universitárias na sociedade atual. Os títulos dos livros e filmes que abordamos foram pensados previamente para que assim passassem uma mensagem para as participantes, para que as mesmas se sentissem (e são) partes reais e fundamentais na causa feminista; com o desenvolver dos clubes, a evolução de mulheres estava latente e isso serviu e serve de impulso para que continuemos em nossa luta constante por essa voz e vez (Relato de Inaê Teixeira, extensionista, em 31 de dezembro de 2018).

Dessa maneira, o presente trabalho tem a educação como um meio para promover a conscientização e a mudança satisfatória em nossa sociedade, na qual há ainda papéis predeterminados do que ser ou não ser mulher. Podemos vislumbrar, através de atos educacionais, uma desconstrução para as gerações futuras, para que nossas futuras mulheres gozem de liberdade e autoconfiança, tendo convicção da igualdade de seus direitos e de sua participação social.

Por meio dos relatos, comprovou-se a relevância do projeto na vida das extensionistas e também das participantes, pois “quando mulheres narram acontecimentos de que foram participantes, o coletivo está na sua maneira de narrar, na sua interpretação, no seu pensamento” (TEDESCHI, 2014, p. 41).

No decorrer de cada rodada do clube, percebeu-se claramente a mudança do grau de autoestima e confiança dos participantes (homens e mulheres). Aos poucos foram se sentindo estimulados a participar dos debates, e a riqueza de cada partilha foi surpreendente, principalmente para as extensionistas.

Figura 5 - Estudantes participantes de Roda de leitura



Fonte - Arquivo Clube das Manas Coari.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos das mulheres participantes do projeto, percebeu-se uma transformação na forma de pensar a participação da mulher na sociedade de classe. Um ponto bastante relevante foi o desprendimento de qualquer tipo

de “medo” de se expressar diante de um grupo, ou mesmo em sala de aula, como algumas acadêmicas relataram. De acordo com Freire (1987, p. 183), é importante no processo de emancipação cultural e política que o oprimido reconheça sua condição de opressão, “o oprimido hospeda em si o opressor”. Neste sentido, consideramos que, a partir dos diálogos estabelecidos nos debates, esse reconhecimento foi alcançado por parte das mulheres participantes do projeto.

Outro ponto muito importante foi a construção do conhecimento, proporcionado pelos debates e discussões que emergiam a partir de cada livro discutido nas rodas de leitura e a cada filme assistido. Foi possível compreender como cada uma se reconhecia em cada fala, em cada texto, em cada cena, e como a solidariedade foi um dos aspectos mais marcantes quando um problema particular era colocado em forma de contribuição ou mesmo como desabafo.

A construção desse conhecimento, enquanto expressão de uma forma de “Educação Popular” (ainda que emergindo de dentro da Universidade), possibilitou o despertar de um pensar crítico acerca da realidade. Como afirma Gebara (2016):

As palavras “consciência” e “conscientização” entraram aqui de cheio como palavras que entregavam a cada pessoa humana o direito de pensar e agir contra diferentes formas de manutenção de sua opressão. Houve uma acorda-

da consciência adormecida de uma imensa quantidade de grupos oprimidos por um sistema cultural, econômico e social que lhes fechava portas a direitos básicos (GEBARA, 2016, p. 193).

Segundo Gebara, só a educação é capaz de proporcionar o despertar para a vida, a ignorância torna as pessoas passíveis à manipulação de um sistema político e econômico, que exclui e demarca “minorias”. A estratificação social e o sexismo criam indivíduos marginalizados e oprimidos. No que diz respeito à teoria feminista mencionada anteriormente, o feminismo, como crítico e militante, é marcado por inúmeras lutas através dos séculos e de muitas conquistas das mulheres contra essa condição subalternizada que o patriarcado as relega.

Contudo, é importante ouvir estas mulheres para que se compreenda como o tema feminismo precisa ser discutido e dialogado dentro das nossas universidades, reafirmando esta como um espaço de debates e construção de significados.

O feminismo é subversivo e revolucionário numa sociedade que ainda adormece à margem da intolerância e dos padrões sociais. Sendo assim, é um tema que não está somente ligado a conteúdos acadêmicos, mas que vai além dos muros da universidade, atingindo o mais importante alvo, a sociedade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

ADICHIE, C. N. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

ALBERTI, V. História dentro da História. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Orais*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

BRASIL. Lei Maria da Penha. N.º11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 22 out. de 2020.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1966.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

- GEBARA, I. Educação popular: a ressignificação das expressões. In: MACHADO, R. C. F; MOTTA, A. (Org.). *Estudos Feministas: Mulheres e Educação Popular*. Curitiba: Editora CRV, 2016.
- MACHADO, R. de C. F. Elza Freire e Paulo Freire: Educação, Humanização e convivência. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 Women's Worlds Congress*. Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499463123_ARQUIVO_Textofinal-ELZA.pdf. Acesso em 27 jan. 2020.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- SILIPRANDI, E. *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.
- SCHMIDT, M. A.; BARCA, I. (Org.). *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Unijuí, 2009.
- TEDESCHI, L.A. *Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres*. Dourados: UFGD, 2014.
- WOLF, V. *Um teto todo seu*. Tradução: Bia Nunes de Souza e Gláucio Matoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.
- YOUSAFZAI, M. *Eu sou Malala: a história da menina que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo talibã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.